



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡

UMA VIAGEM AO POLO

Por I. PARDILHÓ

Desenhos de A. CASTANE

ERA ao alvorecer da madrugada, e vós, leitores pequeninos, dormíeis ainda, tranquila e sossegadamente, o sono da manhã, e a vossa imaginação sonhava sonhos de maravilhas, voando alegremente pelo espaço, de mãos dadas com os anjinhos do céu.

Pelas cidades começava o rumorejar do movimento. E pelo silêncio das aldeias prepassava, suave e brando, o toque matutino das Avé-Marias...

Pelos caminhos, húmidos e frios do orvalho, passavam os primeiros camponeses. E descalços, róticos, famintos, a tiritar, a carpir-se e a padecer, caminhavam os pobresinhos...

As avezinhas chilreavam contentes o hino da alvorada. Ia rompendo o dia, um dia radiante de luz, esplêndido de calor.

E só vós, leitorzinhos pequenos, dormíeis ainda docemente, sossegadamente, sonhando com os anjinhos do céu...

De norte a sul de Portugal, andavam em contenda os povos, numa discussão originalíssima.

— Era um gato!

— Era um pato!

— Era um galo!

Teimavam uns, discutiam outros. E até na Galiza, onde já haviam chegado os clamôres, se questionava:

— E' um *pérro*, *demo*!

Quem, como vós, não se levanta cedo, não podia achar explicação para esta contenda. O que é certo é que nessa manhã, quando o sol ainda não assomara à janela do seu palácio, tinha passado um dirigível em direcção ao norte.

Vós não o vistes, porque, de contrário, havíeis de o ter saudado. E' que, dentro dele, iam os vos-

sos amiguinhos Pim, Pam e Pum, feitos exploradores, enfarpelados em tão felpudas peles que nos meteriam medo, a caminho do Polo!

Sempre o perigo a excitar-lhes os seus espiri-



tos audazes! Sempre o sonho das aventuras a alvoroçar-lhes as suas imaginações temerárias!

Pim, Pam e Pum não trabalhavam a bordo, na direcção do dirigível.

Pim escrevia a reportagem da expedição. Pam, ao serviço de uma empresa americana, filmava as

(Continua na página 4)



MARIA FERDANDA de MATOS e SILVA (DYNETTE)

(CONCLUSÃO)

Ruy, abrindo a cota de malha, tirou do pescoço um colar de ouro, onde pendia uma cruz de diamantes, que fôra de sua mãe, e entregou-o a Zaira.

— Aqui tens o símbolo do teu martírio e que o Senhor te ilumine e proteja! — murmurou, estendendo a mão e abençoando a jovem moura, inclinada e submissa.

Pelos olhos do velho Emir passou um relâmpago de reconhecimento e, antes de se sumir na escuridão do corredor, que os levava á liberdade, beijou a mão que Ruy não pôde retirar a tempo.

— Nunca mais trabalharei contra o teu Deus, Cristão!

A porta rodou nos gonzos com um ruído surdo, como momentos antes, e Ruy, emocionado, voltou-se para sair.

Junto da porta, um homem presenciara toda a scena; era um frade que acompanhara os Cruzados e que Ruy deixara junto do doente.

— Nada tendes a temer, nobre cavaleiro de Riba Flór; eu nada vi, nada ouvi!

E, como Ruy lhe estendesse a mão, em sinal de agradecimento, elle continuou, os olhos claros, de santo, postos nos olhos leais do moço fidalgo:

— Dou-vos a boa nova de que mestre Gorjaz, Físico de Montebelo, declarou seu amo salvo. Obrastes mais este milagre, D. Ruy?

Adozinda ha muito tempo que não tinha novas da guerra; as ultimas não eram boas e já lá iam meses. Seus olhos de ouro líquido, volviam-se pensativos para o Levante, e, todas as tardes, com a velha tia resmungona e suas donzelas e paesas, ia sentar-se junto da janela da torre de menagem, os olhos cravados ao longe.

Passara-se um ano sobre a partida dos Cruzados, passara o verão com os seus esplendores, viera o inverno com o seu cortejo de tristezas, o seu manto níveo de gelada neve, a nortada impiedosa, as chuvas incessantes, e outra a vez a Primavera acordara nos campos os pássaros adormecidos, vestira de verdes folhas as árvores, adornara os campos de relva fina e os esmaltara de malmequeres dourados e de papoilas.

Durante todo esse tempo, Adozinda rezara, sofrera com os humildes, visitando-os nas suas casinhas singelas, trabalhara para os velhos e para os pequeninos.

E nas horas de ócio que lhe deixavam os seus múltiplos afazeres de nobre castelã, sentava-se na torre em ameias que dominava o vale em redor, e, tangendo a sua harpa de ébano ou bordando toalhas de altar, não desfrutava a longínqua volta de caminho onde desaparecera ha tanto tempo seu pai e os seus apaixonados pretendentes.

Tornara-se mais bela naquele ano de ausencia, mais alta, mais branca, mais senhoril e com os seus lindos olhos cõr do louro mel, o manto de ouro cendrado dos cabelos anelados, parecia uma imagem de santa.

Vestia sempre de luto, como elle nessa época se usava.

alvo, em vez da triste cõr negra, e o seu coração puro e amante de luto andava também.

Nessa tarde de Abril suave e linda, Adozinda fiava junto da janela enquanto um pagem, louro e engraçado, lhe cantava ao alaúde uma história de amor.

A velha, tia tecia acodadamente um linho branco e perfunado a flôres, a um canto da imensa sala, mas embora fôsse grande o barulho do tear, Adozinda escutava enlevada, o canto do pagemcito.

A jovem castelã, alegre nem sabia porquê, naquele dia, nem tentava dissuadi-la daquele barulhento trabalho, pois quando uma idéa entrava na cabeça da velha



dona não a deixava tão depressa, e, conformando-se áquele estrepido, seguia distraída e divertida as visagens agarradas do louro cantor, imitando os modos bruscos da velha senhora. Mas, quando os seus olhos distraídos se volveram para fora, um grito de pasmo e louco contentamento fez-lhe largar a roca.

A dois passos da ponte levadiça, envoltas em nuvens de poeira, as hostes dos Cruzados formavam no terreiro.

A' frente, um velho cavaleiro de longas barbas cõr de prata empunhava a espada de comando, enquanto três cavaleiros erguíam bem alto á sua volta os estandartes de Montebelo, Riba Flór e Penha Negra.

Em louca carreira, gritando, chorando, rindo, Adozinda esquecendo mais uma vez os seus modos senhoriais, corria para a porta principal, aberta já sobre a ponte levadiça, agora descida e acolhedora.

E só parou quando sentiu, de encontro ao seu, o coração do pai batendo desabaladamente.

Mil gritos de alegria esvoaçavam pelos ares como bandos de andorinhas anunciando o bom tempo e depois das despedidas ficaram apenas no terreiro o velho senhor de Montebelo, os dois enamorados cavaleiros e os outros senhores que faziam parte da sua casa.

Então, quando já mais sossegados os ânimos, começavam as narrativas dos altos feitos, o velho conde sentado na sua cadeira de alto espaldar, virou-se para Adozinda e indicou-lhe os seus primos.

Alvaro voltara mais garboso ainda da guerra, mais queimado, o rosto orgulhoso, mais largos os ombros fortes e varonis.

O seu olhar era ardente, tinha qualquer coisa de tão altivo, de tão desdenhoso, que Adozinda còrou de desprazer.

Ruy, sentado modestamente sobre uma cadeira baixa, parecia alheio ao que o rodeava, um véu de indizível tristeza a empanar-lhe o brilho escuro do olhar.

O rosto continuava magro e pálido, mas nas suas feições correctas lia-se tanta nobreza, tanta bondade que Adozinda sentiu o coração batendo-lhe alvoroçadamente no peito.

Chegará a hora decisiva de escolher, mas, uma indecisão, uma perturbação imensa tomara-lhe a alma.

Foi a tremer que murmurou:

—Contai, então, cavaleiros, as façanhas que o amor de Deus vos inspirou!

Alvaro sorriu, satisfeito, deitando-se rival um olhar de comiserção e respondeu de pronto:

Por amor de vós foram, senhora prima, os modestos feitos nossos. Vosso pai, melhor que ninguém, vo-os pode contar! E distendia o peito com orgulhosa vaidade.

Com voz compassada, mas cheia de admiração, o velho contou os feitos heroicos de Alvaro Penha Negra, denodado batalhador que vencera duas grandes batalhas e se distinguira com o seu destemido gesto, na vitória que puzera termo ao cerco e decidira a conquista de um poderoso reino. Brados de entusiasmo se levantaram durante toda a narração e quando o velho senhor se calou, havia animação em todos os olhos, còr em todas as faces, entusiasmo em todos os peitos.

Adozinda còrara primeiro de prazer, entusiasmada também depois estendeu-lhe a mão fina que êle beijou impando de vaidade satisfeita.

Depois, o cavaleiro de Montebelo, em voz repassada de amigável ternura, contou os feitos de Ruy.

A sua coragem e bravura nunca se desmentiram, fôra sempre um dos primeiros a avançar, a expôr a vida, e um dos últimos a abandonar os campos de batalha. Tratara os feridos, repartira os seus mantimentos e o dinheiro que levava com os necessitados, fôra para o tio ao mesmo tempo um desvelado enfermeiro e um leal e bom amigo.

Com o seu exemplo de bondade e abnegação, sustara a revolta dos peões famintos e exaustos de fadiga, compartilhando com êles a fome e os sofrimentos.

Um mumúrio aprovador acolheu a narrativa do velho castelão e em muitos olhos luziram lágrimas, em todos os corações admiração. Mas não fôra acolhido com vivas, nem brados entusiásticos e Adozinda ao estender-lhe a mão, sentia pena de não ser êle o mais heroico.

Nisto alguém entrou no aposento, alguém que se dirigiu para junto de Adozinda e a quem ela beijou a mão respeitosamente.

O velho frade Gorjaz, o santo homem que vivia mais com Deus do que com os homens, sempre junto dos que sofriam, dos desamparados, olhava para Ruy, pálido e triste, sentado junto da janela que horas antes Adozinda ocupara.

E numa voz cheia de unção como quem conta uma história sagrada, contou o segredo da maravilhosa cura do senhor de Montebelo.

O frade adornecera junto do doente, escondido por detraz de um capote que o tapava todo do frie agreste da noite.

Então, alguém se aproximara pé ante pé e, curvando-

se para o agonizante, lhe limpou o suor da testa orvalhada. Depois, comovidamente, desnudara a ferida e, sem hesitação, sorveu dela o veneno de que estava impregnada á seta que a causara. O frade despertara aos primeiros movimentos do desconhecido salvador, que, desprezando a própria vida, fizera tão nobre feito ás escondidas, modestamente.

E contou tabém a scena a que assistira no alçazar do velho Emir, a defeza dos inimigos, a sua bondosa conduta com o velho e a jovem moira.

Ante o pasmo geral, a emoção que se traduzia em lágrimas e respeitoso silêncio, dirigiu-se a Ruy e exclamou, pegando-lhe na mão:

—Nobre amigo, teve o vosso gesto generoso maior valor para Deus do que imaginais na vossa modéstia. Aquela a quem ensinaste o caminho da Cruz é hoje Soror Maria do Rosário e o velho Emir Gel-il-Allie, um bom cristão, que arrastou atraz de si centenas de amigos e parentes, para o caminho de Deus.



Adozinda, com os olhos fitos ávidamente nos de Ruy, avançou os poucos passos que os separavam e, cheia de amor, enlaçou-lhe o pescoço, beijando-o respeitosamente na fronte alta e lisa, tão cheia de nobreza.

O velho fidalgo abraçou-o também como a um filho querido, comovido demais para poder falar e deante de tão grande vitória. Alvaro, a raiva no olhar e a tristeza no coração, humilhado, desapareceu sem que ninguém pensasse em o reter.

*
* *

Repicavam de novo os sinos na capelinha do castelo. No altar-mór milhares de velas brilhavam, iluminando tudo em redor de uma luz de alegria. Flores e flores brancas, còr de neve, enchiam os altares e estendiam-se no chão, formando uma perfumada alcatifa.

Ajoelhados junto do velho capelão de gestos bondosos, estava o per tão belo e juvenil.

Adozinda, fresca e risonha, sorria encantada no seu traje de noiva. Resplandecia de felicidade no níveo véu flutuante que a envolvia como uma onda de espuma, e, a seu lado, garboso no gibão de brocado de prata, os negros aneis da cabeleira, emoldurando-lhe o rosto inteligente, Ruy, mostrava-se o mais feliz dos noivos.

A missa estava no fim; o padre, magestosamente, estendeu as mãos esguias, abençoando o par que Deus acabava de unir por suas mãos, na mesma bênção de amor, de paz, de alegria.

(Continua na página 6)

(Continuado da página 1)

regiões que iam percorrer e os transe difíceis por que haviam de passar. E Pum ia absorto nos seus trabalhos de descobertas e investigações científicas.

A tripulação estava confiada a um gato, que era o cozinheiro, por usar avental branco e ter longa prática da lareira; a um pato, que era o observador; a um galo, que estava incumbido de marcar o dia e a noite nas regiões polares; e a um cão, que desempenhava as funções de comandante.

De todos, o mais asoberbado de trabalho era o gato que, além dos cargos acima mencionados, acumulava o serviço de piloto, durante a noite.

Era por isso que os povos discutiam, porque uns tinham ouvido o galo, outros o gato, outros o pato e, finalmente, os galegos tinham ouvido o cão.

Era por isso, repito, que eles teimavam e ba-



tiam o pé, como fazem os meninos quando não querem obedecer...

A viagem decorria bem. O tempo estava sereno, bonançoso, e um vento de feição arrastava o zeppelin para as regiões desertas e geladas dos ursos e das focas.

A tripulação trabalhava disciplinadamente. Apenas uma vez se queixara ao comandante de que o cozinheiro deixara esturrar a comida. E provada a acusação de que o gato adormecia à lareira, ele foi condenado à pena capital — um banho de água fria.

O pobre réu miou, protestou, barafustou. Mas tudo em vão. E no dia seguinte a máquina cinematográfica de Pam filmava o condenado a cumprir a sentença.



Foi horrível... mas, daí em diante, a reportagem de Pim dizia que a comida era excelente e foi resolvido homenagear o cozinheiro.

O dirigível chamava-se «Alfacinha». Atravesava já grandes extensões de neve. A viagem ia para quatro dias. O binóculo de Pam divisonou pé-gadas no solo. Mas o gato perscrutou o horizonte e não viu nada de novo. O cão, por sua vez, ocorreu à ponte de comando. Como o seu faro não descobrisse motivo para receios, mandou parar o dirigível.

Desceu-se a âncora. E naquela paz glacial que



reinava, julgavam os audazes exploradores que iam, enfim, descansar das suas manobras a bordo. Até eles se enganavam.

La proceder-se à homenagem em honra do gato. De todos tripulantes era ele o mais sacrificado, com mais responsabilidades, de todas se desempenhando honrosamente.

O galo tomara a palavra. O seu discurso era era tão substancioso e extenso, e a que o seu có-ró-có dava finos recortes de eloquência, que já esvasiára a garrafa de água que tinha diante de si.

O cão fôra à cozinha e veio condecorar o gato com a «Real Comenda do Testo e do Garfo». Havia festa, alegria... O gato, desvanecido com a condecoração a esmaltar-lhe o peito, abanava o rabo, arqueava a espinha, e agradecia, penhorado, tantas honras, tantas amabilidades. E, num contentamento efusivo, abraçava os seus companheiros, quando, de repente, o pato começou a grasnar, a dar o brado de *álerta!*

Interrompeu-se a festa. O dirigível balouçava, e não se notava a mais pequena brisa.

O «Alfacinha» estava em perigo, bem como toda a tripulação. Esta acorreu a tomar os seus lugares a bordo, pronta a executar qualquer manobra. Que havia?

O gato fez as observações necessárias e veio conferenciar com o comandante.

— Um urso agarrara-se à corda de amarração! Estavam todos em perigo de vida!



Era preciso desembaraçar a corda do urso. O cão começou a dar as suas ordens!

— O galo abaixo!

O galo saltou um vôo. E como para baixo todos os santos ajudam, ele achou-se, de repente, ao

pé do inimigo. Com o bico, atirou-se aos olhos do urso. Mas este, rápido, astuto, agarrou-lhe uma asa. E o galo prêso, aflito, vendo-se perdido, soltou o có-có-ró-có de socorro.

— Acuda o gato! — gritou, em voz portentosa, o



comandante. E o pobre gato desceu pela corda, a custo, com todo o cuidado. Deu tal arranhadela no urso, que este, com a dôr largou o gale.

— Suba o galo — ordenou o comandante. Mas ele, coitado, não podia voar. O urso engulira-lhe uma asa.

Lá de cima, Pim escrevia tranquilamente a reportagem da cena. Pum, com sua máquina, focava aquele combate singular, que inesperadamente lhe viera enriquecer a fita.

O pato anunciava novos perigos. Mais ursos avançavam já ao longe. O cão, aterrado, dera a ordem do «salve-se quem puder».

Lá em baixo, o urso ganhava vantagem. Agarrou pelo rabo o gato. Estava perdido o combate, já não restava a mais pequena escaramuça.

O cão mandara o pato cortar a corda. Era o salve-se quem puder, era a rendição do cão e do gato, era o málogro da viagem.

De repente, ouviu-se o galo cantar: — Vitória! Vitória!

O gato tivera uma idéia genial. Arrancara a condecoração. Com o testo arrolhou a bôca do urso e espetou-lhe o garfo no peito!

Estavam salvos. O gato salvara o dirigível, a tripulação, os passageiros, a própria ciência, — como havia de dizer Pum mais tarde, ao apresentar, na Real Academia de Estudos e Explorações Polares, a sua comunicação, que abalou os alicerces de todas as descobertas anteriores.

O gato trepou, então, levando o galo às costas. Este recolheu à enfermaria, a tratar o seu ferimento, que cicatrisou depressa, pois o pato aplicou-lhe uns sinapismos de neve.

(Continua na página 7).

C A R T A

DE CARFLOFER

A' menina MARIA DA CONCEICAO PEDROSO ROSA RODRIGUES

no dia dos seus 9 anos



O tempo não passa, voa!
Embaraça uma pessoa,
com risco de sério engano.
Eu digo, comigo,
às vezes:
— «Há-de haver uns doze meses

vai-se a ver...
— há já um ano!»

Do tempo a balda molesta mostra-se bem manifesta, dispensa que se comprove, «A Ceíça, — notei, afoito —, há um ano tinha oito.»
Vai-se a ver... — tem hoje nove!

Que me está mandando à fava de apostar não se me dava cem que fossem contra um; e que diz: — «Provocas riso! Julgas ter muito juízo, vai-se a ver... — não tens nenhum!»

Mas falemos do que importa, fique o dito letra morta, simples gracejo, afinal. Passa hoje o grande dia, que nos enche de alegria, da sua festa natal.

No florir dumã menina, a Natua lhe destina brando alvor, vivo arrebol;

desabrocha, então, a flôr, perfuma-se e toma côr, às canções da luz do sol.

E não encontro florinha mimosa como a Ceicinha, que eu inda vi em botão. Tem eflúvio que me prende, tem fulgor que reacende meu extinto coração.

Com esta carta começa a efectivar-se a promessa que nos «PARABENS» lhe fiz. Desejo-lhe muitas prendas, boneca tufada a rendas, e um dia alegre, feliz.

A Vitória (*) tem estado sempre da máquina ao lado, lendo quanto fica escrito. Com *entrain* me pede agora que lhe mande o seu *embora*, ...que é um termo assaz bonito!

Surgiu-lhe há pouco a mania de blasonar fidalguia.

(*) Boneca falante.

Deu-lhe volta a «cachimónia»!
Só usa palavras *finas*, torce o nariz às varinas, é mais uma *possidónia*!

Ontem vi-a carrancuda, contra o seu hábito, muda. Perguntei: — «Quem mal te fez?»
— «Deixa-me! Não tenho nada!»
— «Alguma trazes fiçada...»
— «Eu quero aprender francês!»

Se minhas cartas guardar, e as reler, quando chegar a mulher, dirá consigo:
— «Coitado! há muito que é morto!... Chamei-lhe «mau, feio e torto», mas foi meu sincero amigo!»

Até lá, se um invejoso quizer saber, curioso, se bem nos damos os dois, com o estribilho da terra, faça-o logo ir à serra: grite-lhe aos ouvidos: — «POIS!!!»

F I M

ADOZINDA — (Continuado da página 3)

E, então, enquanto o côro subia aos Céus um hino de amor entoado pelas vozes cristalinas e puras dos pagensitos e meninos de côro, secundados pela voz grave e doce do órgão, as donzelas e donas deitavam sobre os noivos catadupas de pé-las de flôres perfumadas e Adozinda, corando mais e mais de apaixonada confusão, entregou ao noivo um coraçãozinho de rubim, cópia fiel da-

quele que em alvoroço lhe batia no peito em loucas badaladas.

* * *

Uma acção nobre, escondida modestamente, tem mais valor do que um acto de heroidade retumbante.

HORA DE RECREIO

ANEDOTA

ADIVINHA



— «Lêste o meu último livro? Foi um sucesso!»
 — «De prateleira?»



— Onde estará a minha faca?

UMA VIAGEM AO POLO — (Continuado da página 5)

Estava vencido o combate. Apenas havia a lamentar a falta de uma asa no galo, e o gato vencedor era um herói mutilado — perdera a condecoração e o rabo! Grande mágua foi a dele, ao ver-se filmado sem esses dois preciosos apêndices, que lhe davam tanto valor e tanta graça!

— Levantar ferro! — comandou o cão. Mas a âncora estava mais pesada. Foi necessário o esforço de toda a tripulação. E qual não foi o seu espanto, a sua surpresa, ao verem preso nos dentes da âncora o corpo do urso...

Glória! Glória! Pim, Pam e Pum foram os primeiros exploradores polares, que conseguiram pescar um urso!

E já nem eram precisos mais títulos de honra e louvor. Já não era preciso continuar a viagem, pois bastava este feito para esculpir os seus nomes na História, legando-os à imortalidade!

O «Alfacinha» abandonou aqueles desertos gelados e frios, que eram o horror do gato, que não se cançava de estar no borralho, para poder resistir àquela temperatura.

E quando eles deslocaram, o cão, da ponte do

comando, farejou uma caterva de ursos, rugindo e rangendo os dentes de raiva.

Felizmente para o «Alfacinha» tinham chegado tarde. Um minuto mais cedo estaria tudo perdido!

E por uma madrugada fria de Outono regressavam aqueles afamados e afortunados exploradores.

Nenhum dos pequeninos leitores o viu, porque ainda dormiam tranquilamente o sono da manhã, e as suas imaginações voavam pelo alto, pelo firmamento, sonhando docemente como os anjinhos do Céu.

Eu, mais madrugador que vós, vi-os passar. E soube que eles tinham vendido o filme, a reportagem e o urso, a uma empresa americana, por um milhão de dólares.

Pim, Pam e Pum estão ricos, são milionários. Os leitores podem pedir-lhes um empréstimo...

Lição mal compreendida



I — O Zézito dos Reis Pontes,
endiabrado petiz,
torcia a tudo o nariz,
só qu'ria as coisas aos montes.

II — Se, por acaso, lhe dava
um bôlo de ovos a avó,
em vista de ser um só,
muito fulo, recusava.



III — Castigando-o, o pai, um dia,
disse-lhe assim:— «um ménino
bem criado, um bêbé fino,
deve ter mais cortezia;

IV — não deve logo ficar
com quanto lhe of'reçam; ousa
tirar sòmente uma cousa,
para não desfeitear!»

V — Ora um tio do Zézinho,
chamado Zé Manoel,
que gostava muito dêle
e era também seu padrinho,



VI — dava-lhe, às vezes bons fatos,
luvas, chapéus, de presente;
e ofertou-lhe, ultimamente,
um belo par de sapatos.

VII — Então, Zézinho, tentando
aparentar muito siso,
diz para o tio, indeciso,
num só sapato pegando:

VIII — «O Zézinho não aceita
os sapatos que of'receste;
e fica, apenas, com êste,
para não fazer desfeita.